




V. 07, N.13Jan./Jun. 2023

**EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E FOUCAULT: REFLEXÕES PARA A  
IDENTIDADE, SUBJETIVIDADE E PODER**

**EDUCATION, TECHNOLOGY AND FOUCAULT: REFLECTIONS FOR  
IDENTITY, SUBJECTIVITY, AND POWER**

**EDUCACIÓN, TECNOLOGÍA Y FOUCAULT: REFLEXIONES SOBRE  
IDENTIDAD, SUBJETIVIDAD Y PODER**

**Esther Otaróla Laudares Carneiro**

 <https://orcid.org/0009-0004-9607-5580>



**Resumo:** Este artigo decompõe a escola como paradigma disciplinar a partir da perspectiva conceitual de Michel Foucault. Para traçar circunstâncias relacionadas a novas ferramentas científicas, a enquete utiliza a metodologia genealógica da leitura de Foucault. Primeiro, começamos conceituando as relações de poder na sociedade moderna, em que a disciplina se inscreve na rede de produção do Eu. Em seguida, traçamos um breve panorama da genealogia dos dispositivos de poder presentes na arquitetura educativa como verificação do espaço e do tempo. O crescimento das tecnologias disciplinares na escola atual é o aumento de práticas que também sujeitam os alunos a uma observação constante, no modelo de vigilância contínua como maneira de tecnologia disciplinar promovida na normalização da sociedade na era digital, mas com profundos mudanças. Nesta ocorrência, para além da mera observância dos dispositivos pretende-se elucidar os conceitos presentes na obra de Vigiar e Castigar, mas também os desenvolvimentos teóricos relativos à escola contemporânea. Em síntese, propõe-se compreender a sociedade através do fenômeno do poder, assuntos padronizados e novas tecnologias a serem aplicadas.

**Palavras-chave:** Educação. Poder. Tecnologia.

**Abstract:** This article breaks down the school as a disciplinary paradigm from the conceptual perspective of Michel Foucault. To trace circumstances related to new scientific tools, the survey uses the genealogical methodology of reading Foucault. First, we begin by conceptualizing power relations in modern society, where discipline is inscribed in the network of the production of the Self. Next, we outline a brief overview of the genealogy of power devices present in educational architecture as a verification of space and time. The growth of disciplinary technologies in today's school is the increase of practices that also subject students to constant observation, in the model of continuous surveillance as a form of disciplinary technology promoted in the normalization of society in the digital age, but with profound changes. In this occurrence, beyond the mere observation of the devices, we intend to elucidate the concepts present in the work of Discipline and Punish, but also the theoretical developments concerning the contemporary school. In summary, it is proposed to understand society through the phenomenon of power, standardized subjects and new technologies to be applied.

**Keywords:** Education. Power. Technology.

**Resumen:** Este artículo desmenuza la escuela como paradigma disciplinar desde la perspectiva conceptual de Michel Foucault. Para rastrear las circunstancias relacionadas con las nuevas herramientas científicas, el estudio utiliza la metodología genealógica de la lectura de Foucault. En primer lugar, comenzamos conceptualizando las relaciones de poder en la sociedad moderna, en las que la disciplina se inscribe en la red de producción del Yo. A continuación, trazamos un breve recorrido por la genealogía de los dispositivos de poder presentes en la arquitectura educativa como verificación del espacio y del tiempo. El crecimiento de las tecnologías disciplinares en la escuela actual es el aumento de las prácticas que también someten a los estudiantes a la observación constante, en el modelo de vigilancia continua como una forma de tecnología disciplinaria promovida en la normalización de la sociedad en la era digital, pero con cambios profundos. En esta ocurrencia, más allá de la mera observación de los dispositivos se pretende dilucidar los conceptos presentes en la obra de Disciplinar y Castigar, sino también los desarrollos teóricos relativos a la escuela contemporánea. En síntesis, se propone comprender la sociedad a través del fenómeno del poder, sujetos estandarizados y nuevas tecnologías a ser aplicadas.

**Palabras clave:** Educación. Poder. Tecnología.



## ABRAM-SE AS CORTINAS

Afirmamos e reafirmamos que a escola é um lugar de domínio. Diante dessa proposta, que até pouco tempo atrás era considerada trivial, dispomos fazer a pergunta que anima a enquete qual o futuro da escola Ou ainda, a escola tem futuro? O governo da infância define práticas que articulam regras, disciplinas e vigilância, próprias das escolas desde o século XVIII, centradas na lógica instrumental e regidas pelo imperativo moral e económico, com o objetivo de formar cidadãos, promover os direitos humanos e zelar pelo mercado de trabalho: uma punição se tornou um direito. Nesse sentido, em uma abordagem genealógica amplamente inspirada nas teses de Michel Foucault, sugerimos trazer à tona alguns objetos significantes para pensar a escola e, a partir deles, delinear um diagnóstico dos diferentes planos e equipamentos que caracterizam o procedimento de ensino em para a escola.

O mecanismo permeia o cotidiano da escola Isso funciona em conjunto com treinamento físico normal, observação, inspeção e punição. bem como instituições de ensino organizando-se como um lugar disciplinar que trata os alunos como sujeitos por meio de técnicos de articulação efetivas que parecem indissociáveis.

Foucault se interessa pelas práticas sociais de educação da subjetividade e, por meio disso, nos apropriamos de suas definições ao observá-las no ambiente escolar, na apresentação de poder que ele propõe, ou seja, ao invés de coerção ou violência e repressão, produção. domesticando indivíduos por meio de planos e objetos específicos. A rede disciplinar estabelece a história desses objetos que pretendemos recontar a seguir.

Foucault se interessa pelas atividades sociais de educação da subjetividade e, por meio disso, nos apropriamos de suas definições ao observá-las no ambiente escolar, na apresentação de poder que ele propõe, ou seja, ao invés de coerção ou violência e repressão, produção. domesticando indivíduos por meio de planos e objetos específicos. A rede disciplinar estabelece a história desses objetos que pretendemos recontar a seguir.

Os exercícios e práticas realizados nesse meio pontuam o desempenho dos alunos padronizam e executam gestos rigorosos, transferindo-os para o corpo que responde rapidamente: do giz na lousa ao lápis no papel A partir de suas leituras, podemos apreender a escola como uma dobradiça efetiva capaz de articular poder e pedagogia. Aliás, essa ciência aparece justamente no contexto da produção temática moderna. Assim, no estudo da obra da filósofa francês, buscamos pensar a escola do presente, mas sem tentar aplicar

as teses de Foucault como técnica universal. Ao contrário, ao observar alguns semblantes da escola brasileira no século XXI, procuramos explicar não apenas um diagnóstico, mas também algumas pistas para o seu vindouro.

Dado o contexto aqui mostrado, é necessário fazer as perguntas que proveram de base para este trabalho, passadas as diferenças entre os dispositivos de poder do passado e os de hoje: existe, de fato, uma discordância essencial entre eles? Como imaginar o sujeito moderno diante dos dispositivos e tecnologias modernos? Além disso, no que diz respeito aos dispositivos aplicados nas escolas em diferentes eras, é necessário fazer uma espécie de cartografia e entender que influências e forças entram em jogo, com o objetivo de delinear um desenho das mutações escolares.

## **DENTRE OS PRAGMATISMOS O QUE NOS INTERESSA É O AMBIENTE ESCOLAR**

O ambiente escolar mostra uma conexão hierárquica, repleta de imobilidade daqueles que não podem falar, pois apenas têm o dever de realizar práticas, sob regime de performance. Nesse aspecto, certamente uma caricatura o ensino se fundamenta em uma relação de fiscalização por meio da vigilância hierárquica: o poder disciplinar permeia o espaço pelo crivo do olhar atento, visando a economia e a obediência com o objetivo maior de tornar os cadáveres previsíveis. No entanto, a forma primária de ação disciplinar não é a severidade da punição é uma rede de dispositivos ou mecanismos, pequenas técnicas ligadas ao conhecimento que elas mesmas criam. Assim, para Ball, Disciplina e Castigar são apresentados:

[...] O processo da punição dramática à disciplina institucional através da criação de ferramentas que definem as relações de poder na vida cotidiana. escolas e salas de aula são referidas especificamente como dispositivos de classe. No século XIX, surgiram como associações particulares do espaço e dos indivíduos, vivenciadas por quase todos, que sintetizavam o poder do Estado e, ao mesmo tempo, construíam e definiam personalidades específicas. Trata-se de um "bipolar" político (BALL, 1993, p. 9).

Para Foucault, o discurso das humanidades é sobre o corpo oprimido. ou mais é o órgão introduzido no sistema de vigilância e submetido a processos e atividades padronizadas. Já não há dúvida da existência do caráter disciplinar na escola o corpo dócil, expresso em padrões estabelecidos, o que hoje denominamos de perfil, que tem que se

conformar às normas e se adequar ao que se espera, sob um rígido comando que estabelece uma ligação entre escola e ideologia (ALTHUSSER, 2003).

Ao contrário do que adotam as tradições comenius e iluminista, especialmente Kant (2003), Foucault faz uma outra compreensão do sujeito e examina os detalhes de como ele se institucionaliza na prática e no modo social. Nessa intenção, Foucault aplica a palavra sujeito de duas maneiras, seja como sujeito a alguém por meio da dependência e do controle seja como relacionado à sua maneira pelo autoconhecimento.

As noções de sujeito, subjetividade e procedimentos de subjetivação são indissociáveis das pertinências de poder na obra do filósofo pois toda a sua obra se estrutura em torno do problema da constituição do sujeito e de suas formas sociais. O sujeito é erigido social e historicamente a partir de uma grande variedade de processos, os chamados processos de subjetivação. Tal processo subjetivo revela que a produção histórica do sujeito é consequência de muitos fatores empíricos. Há uma articulação e não uma identidade entre a prática do discurso da verdade e a prática social e histórica formada pelas estratégias de poder (CANDIOTTO, 2010).

Para Foucault, o corpo assim como o pensamento está diretamente relacionado à história. O corpo é imaginado, criado, vivido e vivenciado de concordância com as características de cada momento e cultura. Assim, não há nada como o sujeito em pureza ou universalidade, então o sujeito se transforma e se constrói a cada vida. Assim, subjetivação e objetivação são mutuamente dependentes e entrariam em relação com a verdade, embora, como encaremos adiante, o regime numérico da verdade alterar profundamente essa relação.

dito isso, nossa abordagem pretendida para a enquete é razoável, pois se Foucault não decompõe atividades políticas, éticas ou sexuais a partir de componentes idealistas ou abstratas, então as investigações da escola não podem acontecer fora da ideologia. fatos históricos e sociais a partir de alguns conceitos abstratos da escola ou observação do direito atual. Assim como Foucault analisou as atividades efetivas nascidas da história no que chamou de Dado o “enfoque histórico” de seus escritos na década de 1960 (FOUCAULT, 2009), pretendemos também. Do ponto de vista genealógico recrutar objetos disciplinares em debates da prática e do conhecimento.

Do ponto de vista genealógico de Foucault, a formação dos sujeitos históricos se dá por meio de um jogo complexo entre a produção do conhecimento e o exercício do poder.



Tais atividades estão interligadas de tal forma que não se sabe onde cada uma começa ou finaliza. Assim, dispõe uma leitura do que seria a principal maneira de prática do poder na modernidade longínqua da noção de soberania ou Estado e mais próxima das relações triviais, dos inúmeros circuitos de aproximações e distanciamentos entre forças. A filósofa observa a transmutação do poder – entendido como o exercício da estrutura dominante – em uma ligação mais sutil. Em vez de usar observação externa e reflexão espetacular, produzir resultados locais a partir de aparelhos cotidianos e concretos, normalização e standardização. Para o filósofo francês, esse poder é exercido unicamente por meio da constituição e do autocontrole, que passa pela internalização de valores e procedimentos sistematizados pelos indivíduos por meio da rede de disciplinas.

Nesse tempo de sua obra, Foucault estudou fenômenos como o castigo e a construção do saber em torno do castigo a relação entre enfermo e são, degradado e perfeito, o racional e o irracional, a constituição das normas e a normalidade, o estabelecimento das relações de poder e relações de dominação baseadas no conhecimento estabelecido por indivíduos incapazes de se conformar com as normas criadas e estabelecidas. Esses fenômenos aos quais o autor se refere são relevantes para as disciplinas, padrões e produção de personalidade modernos.

Contudo para Foucault, não basta ver na mudança das sentenças um abrandamento das sentenças decorrente de certa reatividade humana repentina, mas identificar novos efeitos de poder ativados por essas novas atividades que estabelecem um modo inédito de verificação com as finalidades impostas para dar conta de sua operação real. Não busca justificar a prática de castigar, avaliando a justiça ou não das atividades remanescentes, mas a apresentação do exercício de um tipo de poder baseado em atividades disciplinares, respondendo às exigências colocadas pelo momento de evolução da sociedade capitalista..., o que leva a outro jeito de subjetividade: o cidadão titular de direitos, deve ser também o cidadão disciplinado, o que leva à produção de uma “alma” e, portanto, ao acesso à dominação sem a aparência da violência da opressão.

## **PODER, SUBJETIVIDADES E A ESCOLA**

Segundo Foucault, o conceito de equipamento de poder se configura como uma ferramenta que articula um conjunto de componentes heterogêneos entre si por envolver discursos, institutos, actos legislativos enunciados científicos. Tais aparelhos atendem a





uma emergência histórica, a um desejo de verdade do tempo que interliga forças, as multiplica e as aplica para consolidar a vigilância através de diversos recursos coercitivos de verificação e sanção.

Em relação aos meios de inspeção e poder dentro da escola há uma confusão conceitual entre violência e disciplina: esta é entendida como uma prática de punição severa e humilhante que de forma tradicional faz parte da organização do sistema educacional. Com efeito, ao recorrer à história para delinear diferentes tipos de instrumentos pedagógicos, a ferramenta tornou-se famosa e traspassou a resumir vigorosamente métodos de dominação. Feita de madeira, é simples e penosa e, apesar das diferenças regionais, traspassou a ser chamada de pá.

Os órgãos do poder disciplinar estão congelados diante da barbárie das atividades cruéis: ao invés de corrigir com a dor carregam a delicada intenção de construir no corpo infantil o necessária flexibilidade e benefício. Nessa intenção, a forma inicial de disciplinar não é o pavor da punição mas a organização do espaço, do tempo e do registro.

Na escola por exemplo, a fila tem o objetivo de preservar a ordem no ambiente e estabelecer um circuito espacial invisível, mas repetido à exaustão: seja no ato inicial de chegada à escola sob os símbolos nacionais para cantar o hino nacional para a população local autoridades, seja na sala com a organização dos corpos que estão sujeitos a uma distribuição por idade, tamanho, primeira letra do nome ou execução e procedimento para configurar a escola como um local de ensino, mas também de vigilância e pagamento. Como enfatiza Araújo ao ampliar a lista de equipamentos:

[...] por exemplo, a fila, a escrivanhinha, aprender a escrever, práticas com dificuldade crescente, teste, presença em corte de espaço e tempo, sanção ao menor erro, supervisão de um professor ou instrutor, testes, exames, testes de aprendizado e convalescência, treinamento dentro da estrutura de normas e padrões estabelecidos. Além disso, as respostas dos empenhos de ensino [...] são continuamente cotados de acordo com critérios padronizados. Isso transmite a uma observação simples da cédula serve para mensurar os desvios, marcando, excluindo, padronizando (ARAUJO, 2002, p. 79).

Na escola os horários são a base para organizar o tempo, o corpo e a energia. O corpo e o tempo estão imbricados na aprendizagem funcional: ela é administrada pela fragmentação, pela sequência, pela dedução e pela agregação de um objetivo neste caso o exame. Nesse sentido, o domínio nada mais era do que uma ilusão usada como motivo para surrupiar o defunto. porque determina o futuro no presente. A organização do espaço

e do tempo na escola fragmentou a duração em segmentos iguais e sucessivos, resultando em uma série cumulativa de etapas temporais, rumo a esse ponto final estável. O ritmo da escola e conseqüentemente da aprendizagem está diretamente ligado ao controle que se estabelece no tempo e no espaço.

Foucault observo detalhadamente como as atividades disciplinares construíram uma experiência de espaço e tempo desde o século XVII. No contexto , há uma terceira consequência da disciplina a prática científica se desenvolve nas humanidades como descrito acima didático. De modo geral, pode-se dizer que o poder disciplinar acha na escola um habitat natural, ainda que os juvenis também enfrentem a hipótese de reação, pois:

Comportamentos anticorpo, como rebelião contra padrões autoritários de comportamento governamental, são construções da estética da existência como atividades de liberdade. Em outras palavras, são existências construídas evitando normas, sejam elas achadas pelas normas da heterossexualidade compulsória, da branquitude, do corpo sem impedimentos físicos ou da norma imposta de uma certa saúde mental, entre outras normas que fornecem à governamentalidade criada (MARINHO, 2019, p.67 )

Construir esse conhecimento educacional por meio de comportamentos e projetos educacionais perpetuamente promove a alienação subjetiva quando confrontada com comportamentos de oposição inerentes à escola e cadáveres estranhos. Porque o olhar controlador também constrói padronização. No entanto, o quadro das forças de ação e reação ainda não está integral. O advento do século XXI abriu novos objetos. diferentes tipos de conhecimento e motivos diferentes que altera a situação de subordinação corporal na tentativa de refinar os procedimentos subjetivos e exige novas considerações.

## **DA PERSPECTIVA DA ESCOLA CONTEMPORÂNEA**

Na estrutura da escola contemporânea, mudanças significantes estão ocorrendo por meio do que se convencionou chamar de tecnopolítica: novos planos tecnológicos, geopolíticas e sociotécnicas baseadas na securitização em vez de proibição legal, punição ou disciplina. Por um lado, as ferramentas disciplinares estão se hipertrofiando nas cidades inteligentes por meio da vigilância por meio de algoritmos, inteligência artificial e Big Data, independentemente do confinamento territorial, e possuem forte capacitância preditiva (MOROZOV, 2018; LYON, 2018); por outro lado, o procedimento de subjetivação



disciplinar, que encontrou seu lugar por excelência na escola é transformado e transferido para outros casos "fora da sala de aula", como o mercado ou a internet tornando-se uma ferramenta parcialmente obsoleta (SIBILIA, 2012).

Nesse novo regime de domínio, o controle disciplinar se dá por meio de transcrições sociais entrecruzados por aparelhos de dado, correspondência e transmissão de informações, que um atento escritor como Deleuze, seguindo Foucault, chamou de organização de verificação:

Uma sociedade controlada que substitui uma sociedade disciplinada. "Controle" é o nome que Burroughs sugere para o novo monstro que Foucault identifica como nosso futuro próximo. Paul Virilio também decompõe incessantemente as maneiras ultrarrápidas de gerenciamento ao ar livre que estão substituindo as disciplinas que funcionam durante o antigo sistema fechado. É impróprio referir-se à produção de drogas extraordinários. formação atômica manipulação genética embora se destinasse a interferir no novo procedimento. Não se deve perguntar qual regime foi o mais difícil ou o mais paciente. à medida que cada regime enfrentava a libertação e a rendição. Por exemplo, na crise do hospital como meio de confinamento, ramificações, hospitais-dia, o atendimento domiciliar poder sinalizar inicialmente novas independências, mas trespassou a incorporar instrumentos de verificação que rivalizavam com as mais duras restrições. (DELEUZE, 2013, p. 224).

Se, por um lado, o panóptico de Bentham é definido como uma maneira que centraliza o poder e utiliza as tecnologias de correspondência e dado como ferramentas de aplicação e verificação de frequência; Por outro lado, a vigilância através das tecnologias digitais é realizada por participantes disponíveis que dão o seu autorização ao sistema de controlo e à cultura performativa, sendo que a trivialidade online implica uma invasão voluntária da privacidade e envolvimento numa espécie de pós-panóptico da vida quotidiana. Entrega de informações inofensivos.

Apesar das transmutações nas sociedades de controle, é possível entender nas ruínas da disciplina moderna a reflexão de novos caminhos da tríade vigilância-tecnologia-subjetividade na escola moderna: seja pelo uso de câmeras, formas de identificação ou vigilância genética, códigos de barra, ritmo de aplicações de aprendizado automatizado ou, é claro, smartphones e mídias sociais. Além de vários planos contemporâneos, ou seja, transforma dinâmicas e técnicos de jogo no dia a dia de um praticante ou escolar.

desmantelando a relação entre o jogo e a distração por exploração ou propósito. A atividade ridícula – na verdade queremos revelar uma nova lógica – melhor dizer uma nova ontologia – que melhor expressa essa condição é a cultura da vigilância (LYON, 2018). Dominância algorítmica (ROUVROY, 2018).

Como já apresentado nas seções anteriores, Foucault recruta as transmutações ocorridas do castigo físico ao controle psicológico por meio de arquiteturas sociais, o que autorizou observar um caminho percorrido por poucos em nome de um governo liberal sob o princípio da utilidade que caracteriza dois esquemas de poder: lei e soberania, por um lado, o panóptico e a rede de disciplinas, de outro. Sem dúvida, estes aparecem misturados e entrecruzados, ainda que a preferência de passar de um para o outro exemplifique o sistema de governo apresentado como produtor uma ilusão de maior independência individual.

Nesse caso, assim como o panóptico entregou um paradigma de inspeção social para organizações disciplinares na maneira de limites espaciais; hoje, diante das inúmeras diversas, antecipadas por Foucault em algumas ocorrências, presumimos que esse paradigma experimenta uma reinterpretação por meio de arquiteturas abertas enfatizando a securitização que inverte o princípio do fechamento, aprofundando os resultados das tecnologias disciplinares por outros recursos. Segundo Foucault:

No sistema de segurança, como acabei de vos explicar, parece-me que se tratou precisamente de não adoptar nem o ponto de vista do que é proibido nem o ponto de vista do que é obrigatório, mas sim afastar-se o suficiente poder confiscar quando as coisas vão acontecer, sejam ou não desejáveis. Ou seja, tentamos apreendê-los de acordo com sua índole ou [...] vamos tomá-los de acordo com sua verdade atual [...] ou seja, a lei proíbe, a disciplina prescreve e a segurança, sem barrar ou receitar, mas obviamente ao fornecer equipamentos de interdição e fórmula, a segurança tem fundamentalmente a função de reagir a uma realidade de modo a que esta reação revogar a realidade a que reage - revogar, ou limitação, ou retarde, ou regule. Acredito que essa regulação seja de fato essencial nos dispositivos de segurança (FOUCAULT, 2008, p. 61).

Nossa proposta de leitura aponta justamente para esse momento: como o novo regime de verdade digital estabelece um processo de dominação e verificação a partir da visibilidade e inteligibilidade dos cadáveres na escola. Nessa circunstância, a chave para



entender as sociedades de controle está na construção de um ambiente no qual os sujeitos possam agir livremente, sem confinamento ou imposição, mas, ao mesmo tempo, cada vez mais enredados no controle dos outros, uma normatividade subjetiva que funciona como uma previsão e condiciona a formação da subjetividade ao apertar a experiência a perfis pré-determinados e, portanto, proibir experimentos sociais e rarefazer a constituição da subjetividade (ROUVROY, 2018).

Essa governamentalidade algorítmica nas escolas para além das disciplinas que produzem o sujeito moderno, caracteriza-se não apenas pelo exercício no lugar do ser humano, de práticas costumeiras que reconhecem, provam, categorizam e inspecionam os alunos particularmente no que se refere ao comportamento e aprendendo. Portanto, não se concernem a uma simples reposição de aparatos que apenas reforçariam uma preferência generalizada e totalizante de internalização de procedimentos, com margem de erro muito pequena.

## **(IN)CONCLUSÕES**

Nesta rede de velhos e novas ferramentas, as tecnologias disciplinares são reforçadas e intimamente ligadas às racionalidades probabilísticas e estatísticas que regem o sistema de dado e investigação. É a arquitetura invisível e implícita das máquinas inteligentes que não mais provê vigilância e controle no trabalho, mas o próprio meio pelo qual as escolhas encapsulam a liberdade.

Novas maneiras de observação de aprendizado tornaram-se a maneira mais rápida de fornecer produtos públicos e educativos ao setor privado em parcerias com empresas de informação líderes e governos. Os dados coletados podem ser usados para proteger compradores em novos mercados, vender bens educacionais ou para outros objetivos educacionais, como observação de aprendizado. Esta palavra é adotada pela comunidade educacional que busca entender as implicações da evolução para como observamos os dados de aprendizado para as organizações utilizar para aprimorar o sistema de aprendizagem.

Usar métodos computacionais para observar os dados dos alunos crie uma visualização da dinâmica de aprendizado. e construiu um modelo de antecipação para testar a conjectura. Como os dados podem ser coletados em tempo real, geralmente por meio do aplicativo da escola ou por meio de questionários interativos sobre a aula que



acabou de ser ministrada, sugere-se que haverá potencial para melhoria contínua por meio de vários ciclos de feedback, como feedback imediato dos estudantes sobre o próximo ano, notas diárias para notificar ao professor a direção da aula do dia seguinte, e intermitentemente aos diretores que acompanham o andamento da escola.

Quando se trata de educação na era digital, o modelo de confinamento na sala de aula é quebrado, dada a adoção de diferentes maneiras de lógica digital que convertem esse entorno de dentro para fora, processo acentuado pela licitação constante e massiva de TIC (Tecnologia da informação e Comunicação), articulando redes que vão além, em todos os sentidos, do Estado e de seu território. Esse procedimento de abertura do espaço digital permite construir um cenário para instituições descentralizadas e autônomas na web.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Da “pedagogização” à educação: a cerca de algumas contribuições de Foucault e Habermas para a filosofia da educação.** Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 3, n. 7, p. 75-88, set./dez. 2002.

ALTHUSSER, Louis. **Ideología y aparatos ideológicos del Estado.** Freud y Lacan. Buenos Aires: Nueva Vision, 2003.

BALL, Stephen (Org.). **Foucault y la educación: disciplinas y saber.** Madrid: Ediciones Morata, 1993.

CANDIOTO, Cesar. **Foucault e a crítica da verdade.** Belo Horizonte: Autêntica; Curitiba: Champagnat, 2010.

DELEUZE, Gilles. **Conversações.** Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

KANT, Immanuel. **Pedagogía.** Tradução por: Lorenzo Luzuriaga, José Luís Pascual. Madrid: Akal, 2003.

LYON, David (Org.) **“Cultura de vigilância: envolvimento, exposição e ética na modernidade digital”.** In: Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem. BRUNO, Fernanda [et. al.]. Tradução de Heloísa Cardoso Mourão. São Paulo: Boitempo, 2018, pp. 151-179.

MARINHO, Cristiane. **“As contracondutas corporais na educação”.** Argumentos: Revista de Filosofia (Impresso). Fortaleza, ano 11, v. 21, jan/jun. 2019, p. 58-70.



MOROZOV, Evgeny. **Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política**. Tradução de Claudino Marcondes. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

ROUVROY, Antoinette. BERNS, Thomas. “**Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: o díspar como condição de individuação pela relação?**”. In: *Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem*. BRUNO, Fernanda [et. al.]. Tradução de Pedro Henrique Andrade. São Paulo: Boitempo, 2018, pp. 107-139.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.